

A horta que curou a mente: o renascimento de Josefa e Ademir no Sítio Capoeira da Telha, em São José do Egito

"Eu amo a agricultura. Eu nasci e me criei neste lugar." É com essa afirmação categórica que Josefa Marlene Tiano Aguiar, 45 anos, define sua identidade. Mas, por trás da voz firme de agricultora, existe uma trajetória de superação que vai muito além do plantio. No Sítio Capoeira da Telha, onde vive há três décadas com o marido Ademir Aguiar, de 53 anos, e onde criou as três filhas, a chegada da tecnologia social da cisterna calçadão não trouxe apenas água para o solo; trouxe paz para a alma e uma nova profissão para dentro de casa.

Durante anos, o sonho de Josefa era ter uma horta. No entanto, a escassez de água castigava o desejo. A primeira água, guardada apenas para o consumo humano, era sagrada e insuficiente para molhar a terra. O poço da comunidade, salobro e limitado, mal dava para o gasto. "A gente não tinha nada. Era só umas cabecinhas de galinha", relembra. A preocupação com o futuro e a falta de perspectiva geravam nela um fardo invisível: a ansiedade e a perda de sono, que a levaram a buscar ajuda profissional com psicoterapia.

A grande virada aconteceu quando a Diaconia, através do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), bateu à porta do casal. O que começou como uma proposta de infraestrutura hídrica tornou-se a cura para a mente de Josefa. Hoje, a rotina de consultas deu lugar ao cuidado com os canteiros.



"A plantação foi minha terapia. Eu tinha perda de sono, a mente muito preocupada. Hoje, eu vou para a horta 5h30 da manhã. Quando termino de aguar e ajeitar tudo, já são 10h30. Minha mente descansou. A natureza é divina, é um presente de Deus, e hoje eu vivo em paz."

O que antes era poeira, hoje é um arco-íris de alimentos. Em apenas um hectare de terra, o casal produz uma diversidade impressionante: batata-doce, cenoura, couve, alface, acerola, beterraba, berinjela, coentro, cebolinha, pimenta de cheiro, pimentão e quiabo. Josefa até se orgulha de um experimento raro na região: um pé de morango que insiste em florescer sob seus cuidados.

A transformação da família também passou pelas mãos de Ademir. Ele se capacitou como cisterneiro e foi responsável por construir não somente a sua cisterna, mas várias na região. No início do projeto, ele relutou. Com problemas de coluna, temia não aguentar a lida



pesada da construção. Mas o destino reservava um caminho diferente. Ao começar como servente nas obras da Diaconia, Ademir descobriu um novo talento. Sob a orientação dos mestres-pedreiros, ele aprendeu o ofício e, hoje, é ele quem assina as obras. "Ele já construiu sete cisternas", conta Josefa, orgulhosa do marido. A mudança de Ademir reflete o impacto do P1+2 na economia local: ele deixou de dar apenas suporte e passou a ser requisitado para as obras, garantindo que outras famílias também recebam o "milagre" da água armazenada.

A segurança alimentar agora é absoluta. Os cinco netos de Josefa e Ademir, além das três filhas já casadas, são alimentados pelo que brota no sítio. "Tudo sem veneno", reforça a agricultora. Mas a produção também gera renda. Com o fomento recebido, investiram em ovelhas, porcos e galinhas. O coentro, vendido a um real o molho, é um dos símbolos dessa nova autonomia. A venda das hortaliças e dos animais é somada ao Bolsa Família e garante que a geladeira esteja sempre cheia. Mais do que isso, a tecnologia do programa trouxe mais conhecimento ao manejo: Josefa instalou um sistema de encanamento que leva a água da cisterna diretamente para os bebedouros dos porcos, evitando que o sal da água do poço entupa as tubulações.

"Eu nunca esperava receber isso tudo. A gente só trabalhava os sete dias da semana e não via o progresso. Hoje, comercializo meu porco, vendo meu coentro e ainda ajudo minha família. Se eu pudesse dar uma nota para esse trabalho, seria nota mil."



Mesmo com tantas conquistas, o casal não pára de sonhar. O próximo objetivo da sertaneja é ampliar o galinheiro e diversificar ainda mais o pomar, que já conta com mudas de goiaba, caju, graviola e laranja. A neta mais velha, de 12 anos, e os outros quatro netos crescem vendo a avó ser "dona de si", como ela mesma diz.

Ao serem questionados sobre como resumiriam a vida hoje, a resposta vem unânime: Paz e Felicidade. No Sítio Capoeira da Telha, a água da chuva colhida no telhado lavou as preocupações do passado e regou um presente de dignidade. Josefa e Ademir provaram que, quando a assistência técnica e a vontade de trabalhar se encontram, até um pequeno pedaço de terra torna-se um oceano de possibilidades.

